

# Acordo de curto prazo com bancos é vantajoso ao país

Silvio Ferraz

Correspondente

Washington — Para o Brasil poderá ser mais interessante financeiramente um acordo de curto prazo com os banqueiros internacionais, declarou ontem, antes de embarcar de regresso ao Brasil, Antonio Pádua Seixas, diretor da dívida externa do Banco Central, depois de dois dias de negociações em Nova Iorque.

Seixas explicou que a tendência de queda dos juros internacionais, associada à baixa dos preços do petróleo, poderá criar uma conjuntura econômica internacional positiva para o país. Negociar agora um acordo de dois anos, por exemplo, não será vantajoso, acrescentou.

## Sem rompimento

Seixas — que teria atribuído nota oito aos encontros que manteve se se tratasse de um vestibular — afirmou que em determinado momento criou-se um clima na comunidade financeira que o Brasil havia rompido ou estava estremeado com o Fundo Monetário Internacional. “Isso está desfeito e nossos diálogos com o FMI, na qualidade de país membro, continuam bem”, afirmou.

Disse que o Brasil enviou voluntariamente para o FMI o seu pacote econômico, sem a preocupação de uma aprovação formal por parte da instituição. O diretor do Banco Central confirmou que a presença dos técnicos do FMI para acompanhar a economia brasileira de perto foi uma das principais reivindicações dos banqueiros. Isso já está definido e nós não vamos aceitar”, afirmou.

Explicou que o Brasil não está pedindo dinheiro novo nem ao FMI e tampouco aos banqueiros, além do que está pagando seus juros em dia, prescindindo, dessa forma, qualquer tipo de acompanhamento mais ínti-

mo. Seixas declarou que o FMI só tem este tipo de procedimento quando está com dinheiro de seu próprio bolso emprestado a um país membro. “Quando isso não ocorre, ele acompanha normalmente a economia do Brasil, como faz com todos os seus países membros”, afirmou.

Seixas igualmente refutou o argumento de alguns bancos que se sentem desamparados em suas decisões sem a auditoria do Fundo Monetário Internacional. “Ora, o comitê dos credores possui um subcomitê econômico encarregado justamente de acompanhar os nossos passos. Ele é chefiado por Douglas Smee, do Banco de Montreal, a quem nós damos todas as informações”.

Seixas acredita ser ainda descabida a crítica de alguns banqueiros de que o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, só deseja conversar com os presidentes dos conselhos dos bancos. “No Brasil recebemos todo mundo, mas vários vice-presidentes alegam que as posições de seus bancos são ditadas pelos presidentes de seus conselhos como justificativa para não tomar determinadas providências”, conta. “O Bracher, então, quando vai ao exterior, procura os seus correspondentes naturais, que são os presidentes dos conselhos, mas eles têm a total liberdade de colocar quem quiser na sala para conversar em nome de seus bancos”.

O diretor do Banco Central declarou ainda que houve um erro de 100 milhões de dólares do Bankers Trust — o banco encarregado de coordenar o projeto de financiamento interbancário —, quando apontou que havia uma fuga de 170 milhões de dólares nas linhas de crédito para o Brasil. “Refizemos as contas e chegamos à conclusão de que a sangria é de apenas 70 milhões de dólares”, afirmou. A próxima etapa das negociações — será a terceira — começará em janeiro em data ainda não marcada, em Nova Iorque.